

O princípio e o fim

24 fotógrafos portugueses olham para a instituição hospitalar num dos seus espaços mais peculiares

Texto **Celso Martins**



Inventado pelo filósofo britânico Jeremy Bentham (1748-1832), no século XVIII, o panóptico é um sistema arquitetónico circular com um ponto de observação central que permite a visão de todo o espaço e, por essa razão, bastante vocacionado para espaços prisionais ou zonas de alta segurança de hospitais.

É num espaço assim — o panóptico desativado Hospital Miguel Bombarda, criado por José Maria Nepomuceno, em 1896 —, onde a arquitetura se configura em torno das noções de observação/exposição/controlo, que se apresenta “Hospital”, uma mostra que reúne o *crème de la crème* da fotografia contemporânea portuguesa.

Como objeto fotográfico, o interesse da instituição hospitalar é óbvio: para ele convergem os limites da vida (nascimento, morte), alguns dos seus limiares (de consciência, dor, humanidade), mas também os mecanismos e dispositivos de controlo e hierarquização social. Cada um dos 24 autores presentes viu o seu trabalho colocado individualmente numa cela, dispositivo que permite isolar a atenção mas que não impede o efeito sequencial que o visitante realiza ao caminhar de forma circular pelo pátio.

Entre fotografias repescadas de modo a responderem à temática e outras inéditas, as imagens refletem os diferentes ângulos através dos quais é pos-

sível olhar para a instituição, ao mesmo tempo que em cada cela objetos do espólio do hospital dialogam com elas.

Está lá tudo o que imaginamos que esteja quando pensamos num hospital: a maternidade, a dor, o medo, a loucura, a fé ou a morte, mas a exposição também olha para o hospital como instituição atravessada pela história, pela tecnologia e pela cultura.

Reunindo um número significativo de entre os mais importantes fotógrafos portugueses, a mostra encontra, porém, os seus momentos mais fortes quando nos afasta daquilo que, pelo senso comum, já sabemos sobre o tema, ou quando estabelece uma relação mais especulativa entre a realidade que aborda e o próprio ato fotográfico.

É o que acontece em algumas das suas imagens mais “silenciosas”, como na ritualização aurática de objetos que são meros utensílios mas que ecoam formas de viver (e de morrer) nas imagens de Catarina Botelho; com a aproximação, abstrata e visualmente retraída, à morte por Paulo Catrica; na evocação da transcendência feita por Valter Vinagre, que surpreendeu pequenos altares improvisados no âmbito hospitalar; ou no sortilégio visual que Augusto Brázio descobre em condições dramáticas. Alguns trabalhos geram verdadeiras narrativas visuais, como a afetiva sequência de Sandra Rocha sobre a sua própria pré-maternidade; a instalação de João Paulo Serafim que recupera a sua cirurgia ao coração; ou a narrativa trágica sobre um caso de loucura encenada por André Gomes na primeira pessoa. Depois há algumas abordagens verdadeiramente inesperadas, como a de António Júlio Duarte, que exhibe a imagem do seu próprio exame TAC num inesperado autorretrato; a derivação subjetiva dos *clichés* associados à imagem do hospital de José Pedro Cortes, com a imagem de um disco dos Roxy Music abandonado num sofá; ou a ambiguidade entre prazer e dor de um rosto feminino, a mesma ambiguidade que se estende à arquitetura com a imagem de uma fachada que tanto pode ser de um hospital como de um hotel, num par de fotografias de Augusto Alves da Silva.

Extremamente abrangente e diversificada no seu espectro de convocações, “Hospital” dissecou a realidade hospitalar tirando bom partido de um dos espaços de internamento mais peculiares de Lisboa, que bem podia voltar a ser utilizado noutros contextos da criação contemporânea. **A**

“Sem Título”, Bloco Cirúrgico, Hospital Curry Cabral, Lisboa, 2009, fotografia de Augusto Brázio na exposição “Hospital”



★★★★

HOSPITAL

Vários autores

Hospital Miguel Bombarda, Lisboa, até 2 de fevereiro de 2013